

QUINTA-FEIRA • 25 DE FEVEREIRO DE 2016

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 30958
de 25 de Fevereiro de 2016, do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido separadamente.

IGREJA^{VIV}

ENTREVISTA

INÊS HERÉDIA

**“SEMPRE QUE ME TENTO
AFASTAR DA ARTE, ELA VEM
A CORRER TER COMIGO”**

— P. 3-5 —

TEOLOGIA SIMPLIFICADA

MISERICÓRDIA
/ METANÓIA /
ABSOLVIÇÃO

JOSÉ LIMA

PADRE | PROFESSOR

A palavra misericórdia refere um misto de miséria e coração. Habitualmente quer dizer compaixão, clemência, denotando uma atitude de empatia por alguém que nos ofendeu ou que passa um momento difícil. Todos os tempos reclamam misericórdia, estando as pessoas ávidas por encontrar um “coração bom”. A misericórdia, no radical hebraico, evoca vísceras que se compadecem: a personalidade sente a situação do outro e concede-lhe um pouco de espaço para si mesma. A misericórdia supõe que o outro seja pensado e amado como ele é, com piedade, numa forma gratuita de o aliviar. A misericórdia exerceu-se por pessoas

de bem em favor de outras menos protegidas. Deu mesmo origem a Instituições (as Misericórdias) de benemerência e de bem-fazer; nelas esconde-se o que a misericórdia tem de mais genuíno. Na sociedade actual urge a misericórdia que leva a sentir a compaixão por muitos e a implorar a absolvição de Deus para os caminhos mal andados. “A misericórdia é o nome de Deus”, o que esconde e revela a Sua identidade, como o refere o Papa no seu último livro/entrevista, onde desenvolve amplamente esta ideia. A misericórdia anda permanentemente ligada à atitude de conversão. Metanóia (conversão) significa transformação de mente, de pensamento (etimologicamente): “O nosso coração não descansa enquanto não repousar em Ti” (Santo Agostinho). No tempo que se está a travessar (a Quaresma) procura-se a conversão, ainda que a palavra mais adequada para o referir seja metanóia. Também hoje é a mais atractiva para a época, pois gosta-se muito de palavras novas, sendo que a conversão cheira mais a um tempo devoluto. A primeira é de origem grega e a segunda é de origem latina. Quando se diz metanóia, alude-se a um processo que deve transformar a mente, isto é, que exige uma mudança radical, pois da mente

surgem as ideias que comandam a vida. Poder-se-á dizer que a cabeça de alguém constitui o centro de comando da sua existência. A mentalidade de alguém é a responsável pelas suas opções, pelas suas decisões, pelo que pensa e faz. A quadra que se vive é favorável à metanóia: a mudança de mentalidade, para uma realidade nova. Este vocábulo pressupõe a atitude volitiva da vontade. No campo pessoal, nada se muda por decreto, sem se querer: a atitude favorecida por metanóia sai do interior de cada um e plasma-se em tomadas de posição comportamentais que



denunciam uma transformação de mentalidade, a passagem para outra nuvem, a pertença a um outro universo diverso do anterior e sempre novo. Neste processo o coração fixa-se onde estão as ideias, o que faz actuar a força da vontade. Em todas as facetas do humano, em todos os campos da actividade, nos meandros mais escondidos

onde o ser humano se joga, haja metanóia, haja transformação profunda, haja mudança de nuvem. A sociedade espera esta operação fundamental. Cada um sabe bem de onde parte e procura o que ainda não conhece. O tempo é de transformação. A absolvição é um momento do sacramento da Penitência (Reconciliação) que é feito pelo sacerdote em nome da Igreja, em nome da Trindade. O sacerdote age *in persona Christi* (na pessoa de Cristo): é Sua mediação sacramental. Pertence aos requisitos da Reconciliação: exame de consciência, arrependimento (atrição), confissão dos pecados, absolvição e penitência (segundo o concílio de Trento). Os três primeiros pertencem ao penitente e os dois últimos são da competência do ministério do sacerdote que, com o penitente, avalia adequadamente o melhor para o futuro, a melhor forma de traduzir o arrependimento, no caminho para mais santidade: “Aproximemo-nos (...), para obtermos a graça e a misericórdia no tempo oportuno” (escreveu S. João Crisóstomo). Judicialmente, a absolvição é o momento em que se considera improcedente a acusação. Três palavras relacionadas. Um procedimento humano coerente e útil.

PAPA FRANCISCO
@pontifex_pt

18 Fevereiro 2016

Não esqueçais que a misericórdia de Deus é o nosso escudo e a nossa fortaleza contra a injustiça, a degradação e a opressão.

São as lágrimas que podem gerar uma ruptura capaz de nos abrir à conversão.

D. JORGE ORTIGA
@djorgeortiga

19 Fevereiro 2016

Não é possível estar conciliado com Deus se não estivermos conciliados com os irmãos.

PAPA FRANCISCO PEDE
ABOLIÇÃO DA PENA
DE MORTE

O Papa Francisco apelou ao consenso internacional relativamente à abolição da pena capital. “O mandamento «não matarás» tem valor absoluto tanto para o inocente como para o culpado”, afirmou Francisco depois da oração do Ângelus no Vaticano. O Papa sublinhou ainda o facto de o jubileu ser uma “ocasião propícia” para amadurecer formas de “respeito pela vida e pela dignidade de cada pessoa”. “Que nenhuma condenação seja executada neste Ano Santo da Misericórdia”, rematou o Santo Padre.

QUASE 240 MILHÕES
VIVEM NA POBREZA
NA ÁFRICA ORIENTAL

Quase 240 milhões de habitantes da África Oriental vivem na pobreza, segundo o relatório da Comissão Económica das Nações Unidas para a África (ECA) sobre coesão social no leste de África — região onde vivem 367 milhões de pessoas, um terço da população africana. No Burundi, Etiópia e Somália, mais de 80% da população vive na pobreza, apesar dos avanços a nível de crescimento económico. O relatório esclarece ainda que a presença das crianças na escola aumentou de forma significativa nesta região.

“CORRIDA PELA PAZ”
ARRANCA DO PORTO
COM DESTINO A ROMA

A “Peace Run europeia” arrancou do Porto esta Quarta-feira. A corrida vai percorrer outras cidades portuguesas até Bragança, onde chegará dia 1 de Março, seguindo para a meta — Roma — até ao dia 8 de Outubro. Este movimento é também conhecido por “Corrida Mundial da Harmonia” e pretende promover a “paz, amizade e harmonia” através da passagem de uma tocha de mão em mão. A “Peace Run” foi fundada em 1987 e já envolveu mais de 10 milhões de pessoas em mais de 150 países.



“ANDEI NUMA LUTA MUITO GRANDE ENTRE ARTE E FÉ [...] E DEPOIS APERCEBI-ME QUE OS DOIS PODEM SER A MESMA COISA”

Inês Herédia esteve entre os finalistas do programa Ídolos, mas foi através da representação que descobriu a música. Estudou artes performativas, no antigo Conservatório, e teatro, em Londres. Participou em musicais do Filipe La Féria, no entanto, em palco, prefere dedicar-se só ao teatro ou só à música, não consegue “ligar os dois e dar 200%”. Estreou-se nos musicais com Wojtyła — que abordava a vida do Papa João Paulo II — e garante que isso mudou a sua vida. “Para mim foi um estalo na cara todos os dias”. No final, esteve em discernimento vocacional. Hoje, compreende que “casar” arte e fé é o seu “processo de conversão diária”.

A INÊS ESTEVE ENTRE OS FINALISTAS DO PROGRAMA ÍDOLOS. ESSA PARTICIPAÇÃO ACABOU POR SER UM TRAMPOLIM NA SUA CARREIRA ARTÍSTICA OU FICOU AQUÉM DAQUILO QUE ESTAVA À ESPERA?

Foi um trampolim. Na altura, o Filipe La Féria ia fazer o musical “Evita”, um papel que eu adorava fazer — aquela mulher não tem nada a ver comigo, mas acho o papel super desafiante — e eu fui passando algumas fases nos castings. Depois, foi-me dito que era preciso uma pessoa conhecida para o papel de Evita, porque é isso que vende. Eu percebo isso, porque isto é uma indústria, e pensei “bom, então se preciso ser uma cara conhecida, vou ali aos Ídolos ver como é que a coisa corre, que é para depois começar a ter papéis de jeito”, e foi o que fiz. Fui um pouco pelas razões erradas, foi mais uma decisão estratégica do que outra coisa, porque eu não estava preparada, só tinha cantado em musicais, portanto eu não fazia ideia qual é que era o meu género. Nunca tinha cantado músicas pop, uma Adele, nada, nunca tinha cantado nada. De repente cheguei ali e fiquei: “Ai, meu Deus, o que é que eu fui fazer? Eu não sei quem sou musicalmente”. Portanto, estive ali a fazer um processo de procura ao vivo, toda a

gente via o meu processo de procura. Nesse aspecto foi difícil e estava sempre muito nervosa e muito ansiosa. [...] Mas deu para perceber muita coisa. Deu para perceber como é que a indústria funciona, o que é que é importante para eles lá dentro, o que é que vende, o que é que não vende, quanto é que eu me queria comprometer, quanto é que não me queria comprometer, o que é que estava disposta a dar, o que é que não estava disposta a deixar. Eu tinha perfeita noção de que não ia ganhar, tinha noção que não tinha capacidade para isso. Aliás, quando saí fiz campanha com toda a gente para votarem no Diogo Piçarra, porque eu o adoro e acho que ele é um artista espectacular. Votava nele, ficava sem saldo no telefone, e fiquei super feliz por vê-lo ganhar. [...]

O PRIMEIRO MUSICAL EM QUE PARTICIPOU FOI O “WOJTYLA”, QUE ABORDAVA A VIDA DE JOÃO PAULO II. QUE IMPACTO TEVE EM SI INTEGRAR ESSE MUSICAL?

Teve todo o impacto. O “Wojtyla” mudou a minha vida, em todos os aspectos. Eu acho que ainda hoje estou a colher sementes, e vou estar sempre a colher sementes do que o “Wojtyla” fez na minha vida. Primeiro porque era um projecto muito despretensioso, eram histórias reais de pessoas que se tinham cruzado com o Papa João Paulo II ao longo da vida, mas aquelas histórias eram nossas. De alguma maneira cada história falava sobre a nossa história de conversão também, e então era como se não estivessemos a representar. Aquilo na verdade não era teatro, era tão puro para nós e era tão verdade que, por não haver essa parte da máscara, o Wojtyla invadiu-nos completamente, foi uma coisa... As palavras são tão redutoras para explicar o que é que aquilo foi... Mas sim, mudou a minha vida, porque percebi: “Eu posso fazer isto, eu sei que tenho talento, sei que posso fazer isto, não tenho que fazer projectos artísticos que comprometam os meus valores, pode haver projectos, como este, em que me vou sentir ultra-completa”. [...]

PARTICIPAR NESSA PEÇA ALTEROU TAMBÉM O MODO COMO A INÊS PASSOU A OLHAR PARA A FÉ, PARA A RELIGIÃO?

Sim, sem dúvida. Eu acho que essa foi a maior diferença, foi a coisa mais fracturante na minha vida, porque quando nos dão a responsabilidade de estar a falar de um santo, de João Paulo II, é uma grande responsabilidade. Então, primeiro lemos a carta aos artistas que o Papa João Paulo II escreveu, e esse casamento da arte com a fé era uma coisa que eu nunca tinha feito antes, que não achava possível. Foi tão giro. E hoje em dia ainda é giro perceber — perceber mas que para mim ainda hoje não é uma coisa totalmente inteligível — como é que as duas coisas estão tão intimamente ligadas. Para mim esse foi, e é, o meu processo de conversão diária, que é a maneira como a arte e a espiritualidade estão completamente ligadas. Para mim foi um estalo na cara todos os dias. Eu estive em discernimento vocacional, só pensava “eu estou a dar a importância errada ao palco, estou aqui à procura de uma coisa que só tenho da fé, que só a fé é que me dá, que só Deus é que me dá, só o sacrário é que me dá”. Andei numa luta muito grande entre arte e fé — “eu estou a dar o peso errado a isto, eu estou a dar o peso errado àquilo” — estava sempre a balancear e depois apercebi-me que os dois podem ser a mesma coisa. Foi um crescimento enorme em termos espirituais.

CONJUGAR A MÚSICA COM A REPRESENTAÇÃO É O QUE MAIS GOSTA?

Curiosamente não. Acho que é o que menos gosto. Mas tem sido um processo, não foi uma coisa evidente. Eu descobri a música através do teatro. O “Wojtyla” era um musical, e eu nunca tinha cantado — quer dizer, cantava como toda a gente canta no chuveiro, não passava disso — mas queria tanto fazer o musical que disse “bem, vou ter que cantar uma música”. E no casting cantei uma música. A partir daí comecei a cantar, e a música começou a entrar. Foi sempre algo intimamente ligado ao teatro. Só mais tarde é que percebi, quando comecei a perceber o meu estilo musical, que — e há imensa gente que discorda do que eu vou dizer, de certeza — às vezes uma coisa pode anular a

“ EU SINTO QUE A MINHA RELAÇÃO COM A MÚSICA É UMA ESPÉCIE DE CONFESSIONÁRIO.

outra, podem crescer imenso e podem anular-se imenso. No meu caso, que será diferente do de muita gente, gosto de estar a 100% no teatro e a 100% na música, porque eu não sei ligar os dois e dar 200%, não tenho essa capacidade. Saio sempre do palco com a sensação de que deixei algo de fora, ou deixei a parte do teatro ou deixei a parte da música. Não os consigo ligar ainda. Se calhar um dia vou conseguir, mas hoje ainda não consigo. Por isso, prefiro estar num palco só a fazer teatro ou só a cantar. E a cantar a minha música. Eu sinto que a minha relação com a música é uma espécie de confessionário. Não consigo cantar sem ser sobre mim, e então, cada vez que canto em personagem sinto-me a dizer uma mentira. Sinto que não é verdade, que estou a falar de outra pessoa, enquanto que se estiver em personagem, só em teatro, aquilo para mim é verdade, porque não sou eu, é outra pessoa que está ali a falar. Então, cada vez mais só canto sobre mim, e mesmo que esteja a cantar músicas de outras pessoas, aquela história é a minha, aproprio-me dela. Por isso, tenho vindo a separar cada vez mais a música da representação, e a ficar cada vez mais frustrada quando tenho que cantar em teatro.

HOJE, O QUE É QUE OCUPA UM LUGAR MAIOR NA SUA VIDA, A MÚSICA OU O TEATRO?

Tem duas respostas. Interiormente, é o teatro. Sempre. O que eu faço mais agora é música.

NO FINAL DO ÍDOLOS, FOI PARA LONDRES ESTUDAR TEATRO. A PERCEPÇÃO QUE TEM SOBRE A IMPORTÂNCIA QUE ATRIBUEM À ARTE, MAIS CONCRETAMENTE AO TEATRO, É DIFERENTE DA QUE ATRIBUEM NO NOSSO PAÍS?

Ei, não me façam dizer mal! (risos) Primeiro, há um investimento diferente. Aquele país tem investimento para tudo, e em Portugal neste momento não dá, estamos a apanhar sementes do que andámos a fazer nos últimos anos. E depois, esse “não-investimento” cá também tem muito a ver com o público, porque nós não temos a cultura de ir ao teatro. Por acaso as pessoas à minha volta vão, mas se calhar representam 10% da população, e 10% da população não é suficiente para compensar o investimento numa peça, para haver peças o tempo inteiro para os actores terem sempre trabalho. E em Londres as pessoas vão ao teatro como vão jantar fora, é uma coisa que precisam, e isso foi tão refrescante! Havia peças em todo o lado, mesmo



os meus amigos que não estavam a tirar teatro ou não estavam a tirar música, queriam ir ao teatro! E eu perguntava: “Mas tu gostas de ir ao teatro? Mas queres ir ver Shakespeare? Mas não achas uma seca?”. E eles diziam: “Não, eu gosto imenso de Shakespeare”. Claro que depois cada vez que vinha cá e ia ver uma peça ficava “ai meu Deus, mas por que é que fazem estas coisas? Por isso é que as pessoas não vêm ao teatro”. Mas a verdade é que se começa a fazer coisas boas cá também, coisas muito boas. Agora, é preciso ir procurar.

TEM ALGUM PROJECTO NA ÁREA DA MÚSICA, DE MOMENTO?

É engraçado estarem a perguntar isso, porque eu aí há uns seis meses resolvi que, entre estar a fazer uma coisa no palco que não me preenchia totalmente, e não estar no palco, preferia não estar. Estava a trabalhar com o Filipe La Féria, estava a fazer uma peça, parei de a fazer e resolvi ir trabalhar uma parte da minha cabeça completamente oposta. Há pessoas que quando se sentem comprometidas com os seus valores vão viajar, vão-se descobrir. Eu precisei de ir viajar a uma parte da minha cabeça que não conheço, que é a parte lógica, porque

“
EM LONDRES AS PESSOAS
VÃO AO TEATRO COMO VÃO
JANTAR FORA, É UMA COISA
QUE PRECISAM.

sempre trabalhei a parte artística, da filosofia e da psicologia. Então, fechei-me dois meses em casa a aprender programação, e neste momento estou a trabalhar numa consultora. Portanto, este é o meu projecto pessoal neste momento. Há um livro do Valter Hugo Mãe, de que eu gosto imenso, que se chama “A máquina de fazer espanhóis”, que tem um início de capítulo que diz assim: “Precisava deste resto de solidão para aprender sobre este resto de companhia”. E é um pouco o que eu sinto. Eu precisava de voltar à génese daquilo que

me faz estar no palco, do que é que eu não gosto de fazer no palco e onde é que me começo a comprometer. Onde é que me estou — esta palavra é horrível, mas... — a prostituir, em termos artísticos. Onde é que me estou a vender por uma coisa que não me interessa. Então agora estou a trabalhar numa consultora. Quando disse aos meus amigos, por um lado perceberam, porque perceberam que eu estava completamente descentrada, mas por outro lado dizem “está bem, vamos ver quanto tempo é que consegues fingir que és uma pessoa normal” (risos). Por isso, neste momento estou assim, e é engraçado que, sempre que me tento afastar da arte, ela vem a correr ter comigo. É quando estou num mundo completamente *corporate*, *business*, e computadores, que começam a aparecer projectos do tipo “olha, preciso que me escrevas uma peça”, ou “preciso que escrevas uma música para este músico”, ou “já pensaste em fazer esta peça?”. Começam a aparecer coisas, e eu só penso “deixem-me lá estar aqui a viajar um bocadinho, que eu preciso de me encontrar outra vez”. Por isso, para já, não posso dizer muito mais.

A INÊS JÁ COMPÔS ALGUMAS MÚSICAS CUJAS LETRAS ESTÃO RELACIONADAS COM DEUS. A MÚSICA ACABA POR SER UM MEIO PARA CHEGAR MAIS PERTO DE DEUS?

Sim, sem dúvida. Principalmente para tentar perceber as coisas, porque às vezes há tanta confusão aqui dentro que escrevê-las é quase como se estivesse a dar à luz qualquer coisa. A seguir, está tudo tranquilo. Aliás, muitas vezes, quando escrevo uma música e a canto, fico para aí um mês sem a cantar, porque não preciso, já está, já percebi aquilo. Portanto, é mais um exercício de psicoterapia e de aproximação daquilo que realmente importa, porque isso para mim às vezes não é inteligível, então preciso desse exercício. A maior psicóloga que tenho é a música, daí ter dito que só escrevo sobre mim, não consigo escrever sobre os outros. É assim uma coisa um bocado egoísta, mas... Acaba por ser uma maneira de rezar também.

E COM O QUE É QUE SONHA A INÊS HOJE?

Há uma catarse no palco que senti poucas vezes. Dá para contar pelos dedos das mãos. Só se sente em frente ao sacrário, só há ali, e o sonho de poder perpetuar isso no palco é assim uma coisa enorme. É poder ter o céu sempre aqui, e o palco já me deu isso, portanto isso é um bocadinho o meu sonho. [...] Talvez por isso é que precisasse deste resto de solidão minha para me lembrar daquilo que é mesmo importante no palco, porque é que eu me estou a distrair com as luzes e com as palmas. O que é mesmo importante é aquilo, é aquilo que me puxa, que me motiva, portanto isso é um bocadinho o meu sonho.



“TÍNHAMOS DE FAZER UMA FESTA E ALEGRAR-NOS”

IV DOMINGO
QUARESMA

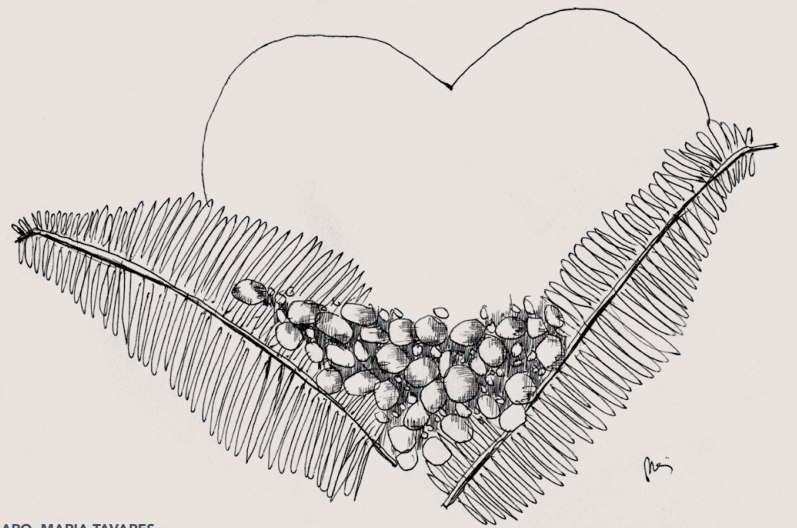


ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** *Alegra-te, ó Jerusalém*, F. Santos (BML 32)
- **ACLAM. EV:** *Glória a Vós, Cristo, Palavra de Deus / Vou partir, vou ter com meu pai...*, F. Santos (BML 35)
- **APRESENTAÇÃO DOS DONS:** *Confesso o meu pecado*, J. Santos (IC, p. 204; NRMS 61)
- **COMUNHÃO:** *É preciso que tu, meu filho*, F. Santos (BML 65)
- **FINAL:** *Hino do Ano da Misericórdia*

EUCOLOGIA

Orações próprias do IV Domingo da Quaresma (*Missal Romano*, 199-200).
Oração Eucarística da Reconciliação II (*Missal Romano*, 1320-1325).

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Jos 5, 9a.10-12

Leitura do Livro de Josué

Naqueles dias, disse o Senhor a Josué: “Hoje tirei de vós o opróbrio do Egito”. Os filhos de Israel acamparam em Gálgala e celebraram a Páscoa, no dia catorze do mês, à tarde, na planície de Jericó. No dia seguinte à Páscoa, comeram dos frutos da terra: pães ázimos e espigas assadas nesse mesmo dia. Quando começaram a comer dos frutos da terra, no dia seguinte à Páscoa, cessou o maná. Os filhos de Israel não voltaram a ter o maná, mas, naquele ano, já se alimentaram dos frutos da terra de Canaã.

SALMO RESPONSORIAL

Salmo 33 (34), 2-3.4-5.6-7 (R. 9a)

Refrão: Saboreai e vede como o Senhor é bom.

LEITURA II 2 Cor 5, 17-21

Leitura da Segunda Epístola do apóstolo S. Paulo aos Coríntios

Irmãos: Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura. As coisas antigas passaram; tudo foi renovado. Tudo isto vem de Deus, que por Cristo nos reconciliou consigo e nos confiou o ministério da reconciliação. Na verdade, é Deus que em Cristo reconcilia o mundo consigo, não levando em conta as faltas dos homens e confiando-nos a palavra da reconciliação. Nós somos, portanto,

embaixadores de Cristo; é Deus quem vos exorta por nosso intermédio. Nós vos pedimos em nome de Cristo: reconciliai-vos com Deus. A Cristo, que não conhecera o pecado, Deus identificou-O com o pecado por causa de nós, para que em Cristo nos tornemos justiça de Deus.

EVANGELHO Lc 15, 1-3.11-32

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Naquele tempo, os publicanos e os pecadores aproximavam-se todos de Jesus, para O ouvirem. Mas os fariseus e os escribas murmuravam entre si, dizendo: “Este homem acolhe os pecadores e come com eles”. Jesus disse-lhes então a seguinte parábola: “Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao pai: «Pai, dá-me a parte da herança que me toca». O pai repartiu os bens pelos filhos. Alguns dias depois, o filho mais novo, juntando todos os seus haveres, partiu para um país distante e por lá esbanjou quanto possuía, numa vida dissoluta. Tendo gasto tudo, houve uma grande fome naquela região e ele começou a passar privações. Entrou então ao serviço de um dos habitantes daquela terra, que o mandou para os seus campos guardar porcos. Bem desejava ele matar a fome com as alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. Então, caindo em si, disse: «Quantos trabalhadores de meu pai têm pão em abundância, e eu aqui a morrer de fome! Vou-me embora, vou ter com meu pai e dizer-lhe:

Pai, pequei contra o Céu e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho, mas trata-me como um dos teus trabalhadores». Pôs-se a caminho e foi ter com o pai. Ainda ele estava longe, quando o pai o viu: encheu-se de compaixão e correu a lançar-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos. Disse-lhe o filho: «Pai, pequei contra o Céu e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho». Mas o pai disse aos servos: «Trazei depressa a melhor túnica e vesti-lha. Ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. Trazei o vitelo gordo e matai-o. Comamos e festejemos, porque este meu filho estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi reencontrado». E começou a festa. Ora o filho mais velho estava no campo. Quando regressou, ao aproximar-se da casa, ouviu a música e as danças. Chamou um dos servos e perguntou-lhe o que era aquilo. O servo respondeu-lhe: «O teu irmão voltou e teu pai mandou matar o vitelo gordo, porque ele chegou são e salvo». Ele ficou ressentido e não queria entrar. Então o pai veio cá fora instar com ele. Mas ele respondeu ao pai: «Há tantos anos que eu te sirvo, sem nunca transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos. E agora, quando chegou esse teu filho, que consumiu os teus bens com mulheres de má vida, mataste-lhe o vitelo gordo». Disse-lhe o pai: «Filho, tu estás sempre comigo e tudo o que é meu é teu. Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi reencontrado»”.

ANO C — 2016

QUARTO DOMINGO DA QUARESMA

HOJE TIREI DE VÓS O OPRÓBRIO DO EGITO

www.laboratoriodafe.net

ITINERÁRIO

FISIONOMIA DO
DISCÍPULO MISSIONÁRIO

Conversão.

CARACTERÍSTICA

Saborear a alegria de acolher o perdão de Deus.

CONCRETIZAÇÃO: A Quaresma é apelo ao desprendimento, à solidariedade e à partilha. Infelizmente continuam a existir muitos corações ofuscados pela ganância e avareza do dinheiro. O dinheiro foi feito para servir e não para escravizar o ser. Nesta IV semana da Quaresma, libertemos o nosso coração do dinheiro que tantas vezes o mancha.

MISSÃO

Neste IV Domingo da Quaresma, São Lucas interpela-nos com a parábola do “filho perdido (*pródigo*)”. Não será difícil para cada um de nós identificar-se com este filho. Tantas vezes, iludidos por falsas promessas de felicidade, bem-estar, independência e sucesso, acabamos por mergulhar na solidão, na tristeza e no desânimo. Infinitamente maior que as nossas “aventuras” é a misericórdia do Pai, que suspira pelo abraço da reconciliação e da paz. Neste Domingo da alegria, deixa-te acolher e abraçar pela misericórdia de Deus e torna-te missionário dela. Fica também o desafio de convidar outros irmãos, porventura mais afastados, a que experimentem e redescubram o Sacramento da Reconciliação.

REFLEXÃO

A Quaresma é o tempo da reconciliação e da alegria. “Enaltecei comigo ao Senhor” (salmo). Este é um dos convites do Papa Francisco, mais ainda neste Ano Santo da Misericórdia. Sim, a alegria do encontro com o Pai misericordioso (evangelho) faz-nos aproximar da fonte da Misericórdia. Enalteçamos juntos o nosso Deus que, em Jesus Cristo, nos reconcilia consigo (segunda leitura). Assim partilhamos uma alegria semelhante à dos filhos de Israel chegados à terra de Canaã (primeira leitura). A Quaresma é o tempo privilegiado para regressarmos à casa do Pai e nos deixarmos abraçar pela sua misericórdia.

“Hoje tirei de vós o opróbrio do Egito”

Um novo dia na história do povo bíblico. O breve fragmento proposto para primeira leitura do Quarto Domingo da Quaresma (Ano C) apresenta a celebração da primeira Páscoa judaica às portas da Terra Prometida. É um texto muito significativo: marca um momento decisivo na história com a chegada à terra que Deus tinha prometido aos seus antepassados. A História da Salvação, que se inicia no dom divino que é a Criação, está a ser apresentada de forma rápida, passando da Aliança com Abraão à vocação de Moisés até à entrada na Terra Prometida. A terra que tinha sido prometida a Abraão, a terra para a qual Moisés conduziu o povo depois da saída do Egito, é a terra que está agora diante dos filhos e filhas de Israel. O livro de Josué narra os factos prodigiosos que acontecem quando o povo, agora sob a orientação de Josué (Moisés tinha falecido na outra margem do Jordão), chega à Terra

Prometida. Antes da celebração da Páscoa, todos os homens que na travessia pelo deserto não tinham sido circuncidados fazem agora esse ritual que pretende ser uma recordação perpétua da Aliança. Depois, todos celebram a Páscoa (a libertação do Egito). “Hoje tirei de vós o opróbrio do Egito” — é uma declaração de liberdade. O tempo antigo (a escravidão no Egito, a vida errante no deserto) desapareceu, o tempo novo (a vida na Terra Prometida) está a começar. Por isso, a comida do dia seguinte à Páscoa já é feita com produtos da terra. O “maná” era um alimento de “transição”, enquanto não é possível comer do verdadeiro alimento: o pão de trigo que nasce da terra fértil.

Deus acompanha o povo bíblico no caminho para a liberdade como Pai misericordioso que cuida dos seus filhos e filhas até ao dia em que têm possibilidade de viver em segurança. Mas também nessa situação podem continuar a confiar em Deus e no seu amor misericordioso, pois é sempre fiel à Aliança. Por isso, Jesus Cristo volta a lembrar que Deus é como um pai que, vigilante e de braços abertos, está sempre à espera do regresso do seu filho. Nas parábolas da misericórdia, “Deus é apresentado sempre cheio de alegria, sobretudo quando perdoa. Nelas, encontramos o núcleo do Evangelho e da nossa fé, porque a misericórdia é apresentada como a força que tudo vence, enche o coração de amor e consola com o perdão. [...] A misericórdia é a palavra-chave para indicar o agir de Deus para connosco” (MV 9).

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in www.laboratoriodafe.net

ELEMENTO CELEBRATIVO A DESTACAR

Preparação penitencial

(Neste momento é retirado o dinheiro ilustrado do arranjo quaresmal).

V/ Senhor, que respeitas a nossa liberdade mesmo quando o pecado nos afasta de Ti e das outras pessoas, misericórdia.

R/ Senhor, misericórdia!

V/ Cristo, amigo e irmão, sempre disposto a acolher a nossa disposição para a reconciliação que nos torna novas criaturas, misericórdia.

R/ Cristo, misericórdia!

V/ Senhor, sempre disposto a oferecer o abraço alegre do perdão e da paz, misericórdia.

R/ Senhor, misericórdia!

Momento da Paz

Inspirados pelo gesto do Pai misericordioso do Evangelho, sugerir que as pessoas partilhem um abraço com quem estiver mais próximo.

ORAÇÃO UNIVERSAL

Irmãs e irmãos em Cristo: Pela Igreja e por nós próprios, oremos ao Pai celeste que espera sempre e perdoa aos filhos que regressam. Digamos confiadamente:

R. *Pai, acolhe-nos na Tua misericórdia.*

1. Para que o Papa Francisco, que hoje inicia os seus Exercícios Espirituais, sinta a nossa oração e comunhão com ele no anúncio da alegria do perdão do Pai, oremos.

2. Para que os fiéis que se afastaram de Deus Pai, caindo em si, sintam o desejo de voltar e se aproximem de novo das suas comunidades, oremos.

3. Para que as pessoas que não sabem perdoar aprendam a fazer festa e a alegrar-se, sempre que os pecadores voltam à vida, oremos.

4. Para que as famílias que têm filhos em dificuldades humanas ou sociais ofereçam a Cristo a sua dor e a sua cruz e d’Ele recebam a alegria do reencontro, oremos.

5. Para que nós próprios e toda a nossa comunidade, participando na celebração da reconciliação, nos preparemos para celebrar a Páscoa, oremos.

6. Para que este tempo da Quaresma não seja apenas marcado pela tristeza e a renúncia, mas motive também à alegria que brota do coração convertido e comprometido com as obras de misericórdia, oremos.

Senhor, nosso Deus, que abraçais os filhos que regressam e para eles preparais uma grande festa, fazei com que todos os fiéis que Vos suplicam experimentem o vosso perdão libertador. Por Cristo, Senhor nosso.

ADMONIÇÃO FINAL

A leitura da Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios dizia: “Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura” e ainda “somos embaixadores de Cristo”. Vamos partir desta celebração renovados e como embaixadores de Cristo, para levarmos esta alegria que brota do perdão e da misericórdia àqueles amigos, vizinhos e conhecidos mais tristes, desiludidos e afastados da comunidade.

BÊNÇÃO E ENVIO

Oração de Bênção sobre o Povo n.º 20 (*Missal Romano*, 573).



ARCIPRESTADO DE FAMALICÃO PROPÕE “24 HORAS PARA O SENHOR”



O arciprestado de Vila Nova de Famalicão propõe a iniciativa “24 horas para o Senhor”, para ser vivida nos dias 4 e 5 de Março, na Igreja Nova Matriz de Famalicão — Igreja Jubilar.

O arciprestado sugere, assim, 24 horas de “oração mais intensa e de adoração diante do Santíssimo”, com início marcado para as 19h15 do dia 4 de Março, terminando no dia seguinte.

O evento decorre no âmbito do Jubileu Extraordinário da Misericórdia e do tempo quaresmal, e procura responder ao desafio lançado pelo

Papa Francisco, que “convidou as dioceses de todo o mundo a promover a iniciativa, à semelhança do que já tinha acontecido o ano passado”, tal como refere a organização.

Cada paróquia é convidada a participar, por intermédio dos seus movimentos e grupos paroquiais, que irão dinamizar as diferentes horas de adoração. O arciprestado propõe também que as paróquias organizem a sua peregrinação jubilar até à Igreja Jubilar do arciprestado (Igreja Nova Matriz de Famalicão).

AGENDA

27.02.2016

CURSO DE COZINHA PARA CRIANÇAS

14h00 / Escola da Terra

CONCERTO PARA FAMÍLIAS: DANIELA ANJO (FLAUTA) E SÓNIA AMARAL (PIANO)

17h00 / Museu Nogueira da Silva

ROI CASAL + CANTO D'AQUI

21h30 / Theatro Circo

03.02.2016 E 04.02.2016

CONFERÊNCIAS: “QUEM DIZEIS VÓS QUE EU SOU?” - VISÕES E IMAGENS CONTEMPORÂNEAS DE CRISTO

18h00 / Auditório Vita



FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

PROGRAMA SER IGREJA

Sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, o Cônego José Paulo Abreu, Deão da Sé Catedral.



Faça um Like



Siga-nos no Facebook

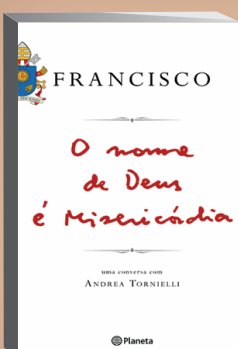
FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Ana Pinheiro, Filipa Correia, Flávia Barbosa)
Design: Romão Figueiredo
Fontes: Agência Ecclesia e Diário do Minho
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt



O Movimento dos Cursos de Cristandade de Braga está a organizar o Curso de Homens 390. A iniciativa decorre entre 25 e 28 de Fevereiro, no Centro Social João Paulo II, na Apúlia.

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO



PAPA FRANCISCO O NOME DE DEUS É MISERICÓRDIA

“O nome de Deus é Misericórdia” trata-se de uma entrevista ao Papa Francisco, conduzida pelo vaticanista Andrea Tornielli. “Francisco explica — através de recordações de juventude e episódios marcantes da sua experiência como pastor — os motivos de um Ano Santo extraordinário”, numa linguagem “simples e directa”, procurando um diálogo “íntimo e pessoal”, tal como descrito na nota introdutória do livro. A obra contém ainda a Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia.

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 25 de Fevereiro a 3 de Março de 2016.

PVP
€ 15,50
10%
Desconto